KØBENHAVNS UNIVERSITET
INSTITUT FOR ENGELSK, GERMANSK OG ROMANSK

CORDÉIS NA REDE

O destino de uma arte brasileira no ciberespaço

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

Eva Kvorning QWB891

Dezembro de 2018

Número total de caracteres: 44.826

A ilustração da capa: “A professora” de José Francisco Borges.
Fonte: http://artepopularbrasil.blogspot.com/2011/01/j-borges.html

CORDÉIS NA REDE

O destino de uma arte brasileira no ciberespaço

Eva Kvorning qwb891 · Dezembro de 2018
Universidade de Copenhague · Português e Estudos Brasileiros
Orientador: Georg Walter Wink

ÍNDICE

Introdução 4
Breve história do cordel 5
Uma cordelista 7
Dois cordéis 9
Teoria e metodologia 10
Análises 13
Discussão 22
Perspectivas 22
Conclusão 23
Resumo dinamarqués 25
Bibliografia 26
Anexo 1 A zika e outras viroses do Aedes 29
Anexo 2 Esse mosquitim é a peste 30
Anexo 3 Virose assustadora. Paródia da metralhadora 31
Anexo 4 Correspondência 32

Introdução

A literatura *de cordel*, também chamada *de folhetos*, tem grande expansão e popularidade no Brasil, sobretudo no Nordeste, onde se desenvolveu faz mais de cem anos. Desde o 19 de Setembro de 2018 a literatura de cordel é oficialmente Património Cultural Imaterial do Povo Brasileiro.

Os *cordéis* são artefactos simples, pequenos folhetos baratos com baladas narrativas e na capa uma xilogravura que sintetiza o conteúdo. Tradicionalmente eram vendidos pelos próprios artistas que os declamavam em praças e ruas, ou os punham à venda em bancas de jornais. Como se trata de uma tradição de divulgação oral é evidente que com a difusão por meios de comunicação de massas se questiona se os cordéis poderão resistir. Existem artigos sobre *cibercordéis* tratados desde vários pontos de vista. Por exemplo se constata que o subgénero chamado *peleja* prospera na Internet (Amorim. 2009: 63)*;* alguns opinam que o "novo cordel" nada mais é que uma revalorização do conhecido folheto nordestino (Glauco Mattoso, apud Amorim. 2009: 61), e alguns temem pelo seu destino (Viana. 2010: 11), devido à massiva competência para a atenção dos cibernautas; outros especialistas elaboram técnicas para indexar e catalogar os cordéis em vista de realizar um tratamento informático deles (Gaudêncio. 2017: 150). O objeto da presente pesquisa é de focar no terreno do cordel educativo. Esta escolha deve-se a que durante a pesquisa sobre a possível influência da epidemia da Zika para a legalização do aborto no Brasil (Denkova & Kvorning 2016) apareceram vários cordéis sobre as doenças transmitidas pelo mosquito Aedes. Assim ficou claro que faz já muito tempo que profissionais da saúde utilizam cordéis tradicionais na luta contra doenças contagiosas, e com base em dois *cibercordéis* sobre a Zika escolhidos por serem cordéis educativos, o presente trabalho esclarece a formulação de problema: como o género arcaico do cordel pode ser uma forma de comunicação viável para mensagens actuais? E responde às seguintes perguntas de pesquisa: Os versos sobre a Zika, são verdadeiros cordéis de acordo com os requerimentos artísticos do género? Que factores concretos contribuem para o sucesso e utilidade do cordel como meio de divulgação na Internet e que desafíos se colocam là? A hipótese do presente trabalho é que um género que já se adaptou durante mais de um século à evolução dos meios de informação e comunicação possui qualidades suficientes para sobreviver no ciberespaço. Veremos como se aproveitam as novas possibilidades oferecidas pela Internet, mas também consideraremos o que se perde no ciberespaço.

O presente estudo tem um carácter pluridisciplinar. Começará por uma breve história do cordel, seguida pelo retrato da enfermeira e poetisa Anne Karolynne do blogue *Cordelando*. Depois disso dois cordéis da Anne Karolynne sobre a virose[1] da Zika vão ser apresentados junto com as considerações acompanhando a escolha desses versos. O fundamento teórico, isso é a *Folkcomunicação* e os conceitos de *credibilidade* e *engajamento*, será exposto, seguidos pelos elementos metodológicos: Uma abordagem semántico-discursiva permitirá definir o tema, as figuras em jogo e a posição da enunciante, começando por uma análise das letras do ponto de vista da linguagem, da métrica e das rimas. Se avaliará a função do cordel com veículo de informação para um público com baixo nível de escolarização, no caso concreto da epidemia da zika. Por além disso se determinarão as semelhanças e as diferenças entre o modelo de comunicação do cordel tradicional e o cibercordel. Uma reflexão sobre a intertextualidade do cordel com outras manifestações artísticas no ciberespaço abrirá uma perspectiva complementar sobre o futuro do cordel.

Breve história do cordel

Faz séculos, na Península Ibérica era possível, especialmente para cegos, ganhar-se a vida indo de feira em feira, ou de aldeia em aldeia, recitando ou cantando histórias em versos rimados sobre sujeitos variados: temas de actualidade ou religiosos, mitológicos ou fantásticos, tristes ou alegres. (Jaimito 2010). Os ouvintes pagavam uma gorjeta pela actuação e também podiam comprar o texto dos versos, se sabiam ler. Desta maneira eram transmitidas notícias e entretenimento para um público humilde e muitas vezes analfabeto, numa época na qual ainda não tinha acesso aos meios de comunicação de massa. (Kvorning 2017). Esta arte popular foi trazida de Europa para o Nordeste do Brasil no século XIX e obteve um grande sucesso, graças a sua amplia acessibilidade e ao talento dos artistas, que sabiam escolher temas de interesse para um público que eles conheciam bem. Dominavam a arte de narrar as histórias em versos rimados segundo uma matriz definida, cunhar o conteúdo da poesia numa imagem expressiva e finalmente interpretá-la diante dum público prestes a interagir. Os poetas propagavam as letras em pequenos folhetos, primeiro escritos a mão, com o tempo impressos de maneira artesanal, e nas capas punham xilogravuras que sintetizavam a história. Nas feiras e ruas onde actuavam, tendiam cordas para expor os folhetos que se acostumou a chamar 'cordéis'. Quando dois

[1] Virose: Qualquer doença provocada por um vírus; neste caso o vírus da Zika é transmitido pelo mosquito Aedes.

cordelistas se encontravam na praça, podiam improvisar 'pelejas', fingidos duelos em versos, onde os poetas se desafiam para ver quem se expressa melhor sobre um 'mote' definido por eles ou pelo público (Slater 1982).

Por volta da virada do século XX no pobre e pouco desenvolvido Nordeste do Brasil os folhetos não só funcionavam como entretenimento e veículo de notícias; também serviam à alfabetização. Uma pessoa que sabia ler comprava folhetos e lendo-os depois para os amigos e irmãos, estes aprendiam pouco a pouco a ler. Os cordéis têm uma estrutura fixa, e como eram recitados e escutados repetidas vezes se memorizavam facilmente. Algumas pessoas sabiam apropriar-se da sua linguagem poética e desta maneira se formavam como cordelistas. O cordelista Janduhi Dantas, autor em 2005 da "Gramática no Cordel", conta em entrevista com Laiane Lima Freitas:

> P: *Por que escolheu a literatura de cordel para se expressar?*
>
> R: Como quase todo nordestino, me deparei com o cordel ainda na infância. Menino, adolescente, me arrumava para ir para a escola ouvindo cantoria de viola no rádio. Adolescente, era levado pelo irmão mais velho para as cantorias que havia em nossa cidade e região. Em nossa casa havia uma enorme coleção de cordel que pertencia ao meu irmão mais velho. E eu lia todos esses cordéis. Os clássicos da literatura de cordel (Lima 2018: 136).

Se constata que Dantas, um professor nascido em 1964, descreve o seu aprendizagem da arte de fazer cordéis exactamente segundo o processo tradicional. Ele fala em como ouvia cantoria de cordéis no rádio nos anos 1970. No século XX teve lugar a mediatização do cordel; primeiro no rádio, depois na televisão, e nos anos 1970 grandes firmas aproveitaram a popularidade do género para campanhas de publicidade (Lima 2018: 125). É verdade que hoje ninguém pode viver exclusivamente como cordelista tradicional, é uma actividade de amador. Não obstante há uma revitalização do cordel com uma grande produção envolvendo muitos artistas, e nos anos 1990 apareceram mulheres na arte do folheto (Góis 2007). Sobre tudo no Nordeste fundaram-se academias de cordelistas, celebram-se festivais e oficinas de cordéis, e em Setembro de 2018 o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) reconheceu a literatura de cordel como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro (Tokarnia 2018).

No entanto, houve períodos em que se duvidava de se a literatura de cordel puder 'sobreviver'. A urbanização e o melhor nível de vida fomentava outros produtos culturais, e isso

poderia ameaçar os cordéis. Actualmente existem pessoas que temem pelo futuro do cordel, entre elas Arievaldo Viana Lima, membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel e criador do projecto 'Acorda Cordel na Sala de Aula', que utiliza a poesia popular na alfabetização de jovens e adultos. Ele escreve na introdução da sua adaptação do clássico "300 onças":

> Sim, neste vendaval electrónico que procura desfazer os traços mais nítidos de uma cultura nacional, onde e quando o novelismo televisivo reduz a alma dos pais à frívola dramaturgia da luta por status dos habitantes do Leblon e Ipanema, é imprescindível que vozes busquem decantar o que existe de mais primoroso na criação poética e musical dos cantares do povo (Viana 2010: 11).

Não obstante, hoje em dia os cordelistas estão altamente presentes no ciberespaço. Eles e elas publicam os seus versos em blogues e redes sociais como Facebook, e carregam vídeos no YouTube. Nessa forma podem interagir com um grande público, sem limitações no tempo e no espaço. " A internet possibilitou aos usuários conhecer e interagir uns com os outros, por meio de ambientes colectivos que reúnem esses usuários independentemente de suas localidades." (Lima 2018: 129). Especialmente as 'pelejas', um subgénero de cordéis, onde cordelistas se desafiam para dialogar em versos numa confrontação humorística, florescem nas plataformas virtuais. A pesquisadora Maria Alice Amorim opina que

> a produção e difusão poéticas que demandavam presença física nas tipografias e nas Feiras livres, por exemplo, foram acrescidas das possibilidades de comunicação mediadas por computador, sem a necessidade de deslocamentos no espaço físico (Amorim 2009: 65).

Um exemplo de como uma cordelista muda da presença física para o ciberespaço vai ser estudado no seguinte.

Uma cordelista

A cordelista Anne Karolynne Negreiros é enfermeira na Prefeitura Municipal de Campina Grande, a segunda cidade mais populosa da Paraíba. Esta cidade tem aproximadamente 500.000 habitantes e é considerada um dos principais pólos tecnológicos e industriais da Região Nordeste do Brasil. A cidade foi precursora no área das Tecnologias da Informação (TI),

tanto a nível universitária como empresarial. Campina Grande foi a primeira também a ter computador em sala de aula na região (UFCG 2008), e isso indica que uma população antes pouco alfabetizada, tanto como os educadores estão agora bem familiarizados com as TI.

Há graves problemas de saúde nesta região ameaçada por doenças tropicais, e se empreendem importantes campanhas de prevenção. No Centro de Atenção Psicossocial (CAPS AD) onde Anne Karolynne trabalhou até 2016, foram promovidas oficinas e palestras de saúde usando o cordel como ferramenta. No Dia Nacional do Cordelista, sábado, 19 de Novembro 2016, ela escreve no seu blogue:

> Cordel tá na minha veia
> No meu sangue ele tá
> Se eu penso numa palavra
> Eu já começo a rimar
> Faço verso e poesia
> Dia e noite, noite e dia
> Eu adoro cordelar!

Assim é natural para ela por à disposição este talento nas campanhas. Como cordelista foi campeã ao declamar suas glosas no maior festival de poesia do Brasil e do mundo, o "Festival Vamos Fazer Poesia" em São José do Belmonte/PE. Anne Karolynne também faz cordéis personalizados por entrega para aniversários, casamentos etc. Ela escreve sobre esta actividade criativa:

> Por que não estender esta possibilidade de levar poesia para a vida das pessoas através de um projeto? CORDEL PERSONALIZADO! Com o sentimento de poder homenagear muito mais pessoas de todo o Brasil, surgiu esta ideia de transformar histórias de vida em poesia, […] (Negreiros 2018).

"Cordel personalizado" é o canal YouTube da Anne Karolynne que está presente em várias plataformas da Internet. Tem também o seu blogue "Cordelando" e o seu perfil "Cordelando389" no Facebook. Em 18 de Novembro de 2018 o seu blogue teve tido 284.407 visitas, em Facebook tinha 571 seguidores e 565 curtidas. É porque as suas palestras sobre temas de saúde são tão demandadas que ela decidiu comparti-las pela Internet. Em Abril de 2016 ela escreve no seu blogue:

> Tenho vontade de estar em várias escolas, transmitindo informação e ajudando a sufocar este surto do H1N1. Como não posso estar em todos os lugares, elaborei esta proposta de projecto para ser realizado nas escolas, com o intuito de que os professores possam trabalhar esta temática e ajudar na prevenção da Gripe A. Confiram no blog!

No blogue ela compartilha ideias para activar os alunos de maneira criativa em oficinas de cordel. Uma aluna escreve sobre o cordel "A Zika e outras viroses do Aedes": "minha pro ouviu no cel e escreveu para ler lá na frente da escola toda" – e a Anne Karolynne responde: "Que legal, essa professora é bem ativa, hein? Nota 10 pra ela! E aí, todo mundo aprendeu direitinho como se prevenir desse mosquito danado?" Nesta interacção a linguagem é coloquial e regional, e Anne Karolynne pode constatar que o objecto, prevenir contra o mosquito, fica divulgado.

Os seus vídeos no YouTube recebem comentários de lugares longínquos: "Anne Karolynne, belo trabalho! Participei de um curso colaborativo entre Harvard e a Universidade Federal do Ceará, em Janeiro de 2016 em Fortaleza. Durante o curso o meu grupo, que trabalhou com o tema da dengue, desenvolveu legendas em inglês para seu vídeo." Este exemplo mostra que no ciberespaço as distâncias geográficas não são obstáculos para a interacção.

Dois cordéis

Para o presente estudo foram escolhidos dois cordéis de Anne Karolynne: "A zika e outras viroses do Aedes", carregado no blogue no dia 3 de Dezembro de 2015, e "Esse mosquitim é a peste", 8 de Fevereiro de 2016.[2] Estes dois cordéis foram escritos para contribuir à luta contra a virose da Zika, uma doença que ameaçava com se desenvolver em epidemia, sobretudo no Nordeste do Brasil, onde o clima é especialmente favorável para o mosquito Aedes, o transmissor do vírus para as pessoas. Se uma mulher grávida fica infectada, a doença pode afectar o feto, causando microcefalia no bebé, que nasce com um crânio menor que o normal. Para combater a praga foram empreendidas campanhas, e a enfermeira cordelista Anne Karolynne criou estes dois cordéis, incorporando-os nas suas palestras sobre a prevenção da virose. Os cordéis obtiveram uma popularidade tão grande que ela decidiu publicá-los no

[2] As letras da música podem ser verificadas nos Anexos 1 e 2.

YouTube em forma de video-cordéis, narrações de texto alternado por imagens relacionadas ao tema. Para a edição do primeiro vídeo colaborou com uma outra profissional do sistema da saúde, Helena Brígido da Sociedade Paraense de Infectologia. O vídeo de "Esse mosquitim é a peste" tem ilustrações de várias fontes e as imagens não seguem sempre o ritmo da declamação de Anne Karolynne, quando no caso de : "A zika e outras viroses do Aedes" muitas imagens são do estilo das xilogravuras dos folhetos tradicionais, bem arranjadas com a declamação pelo irmão de Anne Karolynne, Carlos Júnior. Os vídeo-cordéis estão publicados no YouTube (Negreiros 2015 e 2016). A popularidade dos cordéis fica demonstrada pelo facto que outras pessoas também os tenham compartilhado nos seus canais de YouTube. Por exemplo, alunos de 4º ano da escola municipal de António Sebastião da Silva, Rio Claro, São Paulo, declamam "A Zika e outros viroses" (Anaspadari 2016). "Esse mosquitim é a peste" foi ainda mais publicado por outros *youtubers,* um usuário até fez a sua própria "animação com a poesia de cordel de Anne Carolynne" (TheSfmi. 2016).

Será pertinente analisar os dois cordéis para ver como aproveitam o formato do cordel para informar sobre o tema da prevenção duma epidemia e como se adaptam ao ciberespaço.

Teoria e metodologia

Central para esta pesquisa é o conceito de *Folkcomunicaçaõ*, isso é comunicação em nível popular. Por popular deve-se entender tudo o que se refere, especificamente ao homem do povo, aquele que não se utiliza dos meios formais de comunicação. A Folkcomunicação fica assentado no folklore, a cultura do popular, tornada normativa pela tradição. (Amphilo 2003: 6). O comunicólogo Roberto Benjamin da Universidade Federal Rural de Pernambuco explica que foi nos anos 1970 que o brasileiro Luiz Beltrão

> definiu uma nova área de pesquisa em Teoria da Comunicação ao conceber a teoria da Folkcomunicação. Os continuadores de Luiz Beltrão expandiram este conceito [...] e estabeleceram a relação entre as manifestações da cultura popular e a comunicação de massa. Isto inclui a mediação realizada pelas manifestações populares na recepção da comunicação de massa (Benjamin 2008: 281).

Num artigo sobre comunicação entre técnicos urbanísticos e povoadores de baixa renta os autores realçam que "alguns técnicos desprezam [...] a cultura local, oriunda da realidade das vilas populares brasileiras, reproduzindo o discurso impessoal presente em boa parte das repartições públicas" (Dornelles & al. 2014: 256). Consequentemente, eles recomendam aplicar a abordagem da Folkcomunicaçaõ para um diálogo compreensível com os locais. Do mesmo modo no seguinte será descoberto como a actividade educativa da cordelista exemplifica o princípio da Folkcomunicação.

Além disso se terá em conta o conceito de 'estrategia de credibilidade', definido por Patrick Charaudaud. O enunciante deve "*déterminer une position de vérité, de sorte qu'il puisse [...] être pris au sérieux*" (Charaudaud & Maingueneaud 2002: 154). A questão é como obter isso. Charaudaud distingue entre três posições no discurso: *Neutralité – Engagement – Distanciation.* Veremos que o/a cordelista posiciona-se com *Engajamento;* segundo Charaudaud o sujeto falante engajado

> *opte [...] pour une prise de position dans le choix des arguments ou le choix des mots, ou par une modalisation évaluative apportée à son discours [...] un discours de* <u>*conviction*</u> *destiné à être partagé par l'interlocuteur* (ibid.: 154).

A metodologia elaborada aqui vai servir a hipótese de que a viabilidade do género do cordel como ferramenta educativa decorre, por um lado da sua credibilidade, baseada em vários factores: a própria opção por um género conhecido pelo público, a capacidade do poeta para apresentar o essencial de um tema neste formato, e por outro lado o engajamento do cordelista, poeta e declamante, e a proximidade entre ele/ela e os assistentes.

Com o objetivo de argumentar que os versos escolhidos podem ser considerados cordéis de acordo com as caracteristicas artísticas deles, a teoria da estrutura básica do cordel elaborada por Candace Slater vai ser aplicada. Nos anos 1977-78 a doutora norte-americana Candace Slater fez uma extensiva pesquisa de campo no Nordeste do Brasil, onde visitou praças e outros lugares públicos e falou com cordelistas e ouvintes para conhecer de perto o fenómeno do cordel ou folheto. No livro "Stories on a string" (*A Vida no Barbante*[3]) elabora a

[3] O livro foi publicado em português em 1984 com o título "A Vida no Barbante - a Literatura de Cordel no Brasil". Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro. Editora: Civilização Brasileira. Para o presente estudo não foi possível obter um exemplar, e por isso as definições utilizadas aqui estão traduzidas pela autora desta monografia.

sua teoria da estrutura básica do cordel, que será o fundamento do presente estudo formal. Segundo Slater (1989: 99), as características da literatura de cordel são:

- Estrutura de 6 passos; movimento de ida e volta, que reflecte a 'peleja'.
- Invocação : Inclusão dos ouvintes como um actor verdadeiro.
- Forma poética: Estrofe de seis versos de sete sílabas, com rimas nas linhas pares: A B C B D B.
- Narrativa na terceira pessoa, dentro de um quadro de primeira pessoa, autoria individual, enfatizado por dispositivos como um acróstico final que identifica o autor; legitimação em forma de " testemunhos oculares" ou fontes parecidas.
- Linguagem regional e coloquial; ortografia não oficial; arcaísmos; mistura de registo (elevado/coloquial, mesmo na mesma estrofe).
- Conotações religiosas, evidenciadas na oposição *firmeza/falsidade*, confiança na *sina* nos casos de cordéis com actor divino.
- Inconfundível contexto brasileiro; preocupações de classes baixas, como fome, doença, falta de dinheiro e educação.

Vamos explorar os cordéis da Zika em busca destes factores determinantes segundo Slater, embora com uma excepção. Slater estudou primariamente os cordéis que têm forma de diálogo: Este tipo provém das pelejas, que hoje prosperam no ciberespaço (Amorim 2009: 63). Slater define uma sequência em 6 passos, como a da clássica análise de Propp. Os dois cordéis sobre a Zika não são deste tipo, senão "retratos" do inimigo com conselhos para combatê-lo. Por isso se omitirá buscar os mencionados 6 passos nesta análise.

Além do modelo de Slater, será aplicado o método de um grupo de profissionais do sistema sanitário cearense para examinar o conteúdo factual dos cordéis da enfermeira Anne Karolynne, levantando as figuras que actuam na 'história' (os 'actantes' da semiótica) e os elementos que têm importância para a prevenção da doença. Entre 2007 e 2013 foram publicados três artigos, onde enfermeiras tratam o tema da literatura de cordel como veículo de comunicação e educação em saúde (Pagliuca & al. 2007, Oliveira & al. 2011 & 2013). Elas estudam escolhidos cordéis que informam sobre Amamentação para mães cegas, o VIH/SIDA e a Dengue. O interesse concentra-se tanto no conteúdo informativo como na qualidade literária dos cordéis. O seu método para esclarecer a função informativa vai ser aplicado nos cordéis em questão.

Depois disso serão comparados os dois fenómenos de comunicação: a declamação presencial dos cordéis frente à apresentação virtual. Não se pode aplicar o modelo tradicional da comunicação para o caso dos cordéis da Anne Karolynne, nem quando cordelista e ouvintes compartilham o mesmo espaço, nem quando a relação se estabelece mediante a Internet. A teoria geral da comunicação deve-se modificar no caso do cordel, tendo em conta que aqui se trata de *Folkcomunicação*. Para a análise dos cordéis do Aedes vão se desenhar dois modelos específicos da comunicação, com respeito aos espaços nos que decorre.

Análises

As letras dos cordéis estudados encontram-se no apêndice da monografia. Nota-se que os dois cordéis têm estrofes finais idênticas.

As abreviações utilizadas são as seguintes:

A Zika e outras Viroses do Aedes: **ZVA**. Esse Mosquitim é a Peste: **MP**

As estrofes e versos serão marcados assim: Primeira estrofe, verso 1: I,1 Quinta estrofe, versos 2-6: V,2-6.

Um cordel é um objecto de arte que consiste em palavras e imagem; o cordel pode se ler, mas obtém a sua plenitude no momento em que o/a cordelista o fala ou canta, e o público responde. O poeta Francisco Sales Arêda expõe a sua *poética* em quatro linhas: "Eu canto porque conheço / rima, métrica e oração / sentido, frase e conjunto / sistema e complicação." (Amorim 2009: 64). Este estudo vai ter conta destes critérios ao analisar os dois cordéis sobre a zika, e o complexo metodológico estabelecido anteriormente será aplicado para a análise, começando pelas categorias de Candace Slater.

Invocação

A invocação é um instrumento retórico poderoso que aqui se utiliza segundo a tradição cordelista: já nos primeiros versos se estabelece uma relação interpessoal que se mantém durante a declamação e se reafirma no final. A cordelista invoca a atenção dos ouvintes; ela implica-os na situação comunicativa:

ZVA: "Minha gente, o que é que é isso?" (I,1); "muito cuidado a minha gente /para não levar a picadura." (IX, 5-6) e "Eu já tô me prevenindo / E aí, como estão vocês?" (X, 5-6)

MP: “Eita, mosquitinha nogente” (I,1) A cordelista ’olha’ um mosquito, e com a palavra ’Eita’/’eta’, uma interjeição brasileira que aqui exprime espanto, convida aos ouvintes a ’vê-lo’ com ela. “Hein, bacana?” (V,6) e “Eu já tô me prevenindo / E aí, como estão vocês?” (X, 5-6)

Métrica

Em princípio, Anne Karolynne cria os cordéis segundo o padrão tradicional: Estrofe de seis versos de sete sílabas, com rimas nas linhas pares: A B C B D B. Mas cabe constatar que para o olhar vários versos têm mais de sete sílabas, por exemplo: **ZVA** IX,5: muito cuidada a minha gente” e **MP**, III,3: “Com água limpa acumulada”. Não obstante, na declamação, que demanda um ritmo fixo, se fundem palavras, como em **ZVA** V,4: ’pro = para o’, ou se omitem sílabas fracas. Anne Karolynne rima segundo o padrão tradicional, e também as rimas são para ouvir antes que para ler. Alguns exemplos: **ZVA**, V, 2-4-6: “(...) Pra tentar extermin**ar** (…) Pro mosquito não entr**ar** (…) Ô, peste, vai-te pra l**á**.”, onde *là* rima com *exterminar* e *entrar*, e **MP**, VIII, 2-4-6: “(...) É preciso preven**ir** (…) Possa se reproduz**ir** (…) Se acumule por a**í**.” onde a palavra *aí* rima com infinitivos em *-ir*, o que mostra que na declamação o *’r’* final desaparece.

Narrativa

Candace Slater definiu como características para o cordel, que a narrativa fica na terceira pessoa, dentro de um quadro de primeira pessoa, com autoria individual, enfatizado por dispositivos como um acróstico final que identifica o autor; ademais ocorre alguma legitimação em forma de ”testemunhos oculares” ou fontes parecidas.

Em ZVA e MP encontramos a narradora na primeira pessoa, que fala do tema na terceira pessoa. Exemplos são **ZVA**: “**minha**” pronome possessivo que refere à 1primeira pessoa como “**Eu”** (I,1 e II,1). “Se **eu** vejo” (…) **“Eu** vô até **me** benzê” (IV,5 e VII,2) e “**Eu** já tô **me** prevenindo” (X,5) . Em **MP**: ”e os sintomas que **eu** citei” (VI,5) mais X,5 como em ZVA.

Vemos que ZVA tem muitos mais indicadores da autora que MP. Isto concorda com o facto que MP tem um carácter informativo mais pronunciado, enquanto ZVA é mais emotivo. Anne Karolynne não utiliza o clássico acróstico final para ”assinar”; é natural, porque o acróstico é um detalhe sofisticado, literário, e os cordéis da zika são para execução oral, seja presencial ou no ciberespaço. Em ZVA a credibilidade é legitimada na estrofe II, 2 e 5: “ão ver o noticiário”

e “os jornais só dizem isso”. Na letra de MP não há indicações parecidas; aqui a legitimação assenta-se no facto que a cordelista é uma profissional da saúde.

Linguagem

Um traço distintivo central na literatura do cordel é a utilização de expressões idiomáticas habituais e uma ortografia que reflecte a pronúncia coloquial e regional. O estilo não é nada literário. Este princípio é aplicável aos cordéis do Aedes; a sua linguagem é simples e acessível, também para crianças e pessoas com um nível baixo de escolarização. Aparecem muitos diminutivos, falta o ‘s’ final do plural e precedendo ‘t’, utilizam-se vocábulos simples em vez dos próprios da linguagem dos profissionais da saúde, e a cordelista expressa sentimentos pessoais, solidarizando-se com o público. Já nos primeiros versos utilizam-se expressões idiomáticas da linguagem informal.

ZVA: Minha gente, o que é que é isso? / Essa zika tá demais. (I, 1-2)

MP: Eita mosquitinho nojento / É esse Aedes danado (I, 1)

Observamos a ortografia que reflecte a pronúncia coloquial e regional em exemplos como estes:

ZVA: Deus o live ter a zika / Eu vô até me benzê. (VII, 1-2)

MP: hein, bacana? (V, 6)

Ambos cordéis: Bora acabar com o Aedes / O mosquito não tem vez. (X, 1-2)

E em **MP** um elemento do léxico regional: E agora há um leriado / Da Chikungunya maldita / E zika pra todo lado.(I, 4-6) ’leriado’ é uma palavra cearense, que significa ’história inverosímil’.

Religião

As conotações religiosas eram elementos importantes na literatura de cordel clássica. Como ZVA e MP estão destinados a informar têm fracas conotações religiosas, como por exemplo: “Eu vou até me benzê” (ZVA VII, 1-2). No Brasil o acto de benzer-se é uma fusão de catolicismo e religiões originárias da África. Com o benzimento pode-se invocar a Jesus, um santo ou Orixá para se afastem todos os males ou um mal específico que esteja ameaçando.

(Inácio). ’Ir até benzer-se’ indica que a situação é muito grave, e é preciso recorrer a medidas sobrenaturais, de fora do quotidiano. MP: “maldita” (I,5) é uma palavra que pertence à esfera religiosa, mas dos nossos dias é pouco provável que se perceba essa conotação.

Contexto

O ’inconfundível contexto brasileiro’ do que fala Candace Slater se revela aqui no tema: a alarmante epidemia da zika ocorreu no Brasil, especialmente no Nordeste, e ademais há alusões ao clima “bem quente” (MP III, 6), fala-se noutras doenças tropicais, a “dengue” e a “Chikungunya” (ZVA VII e VIII, mais MP II e IV), e em elementos quotidianos como “cisterna” e “caixa de água” (ZVA VI), “repelente” e “telas em portas e janelas” (ZVA V e MP IX,5).

Informação

Os dois cordéis são do subgénero chamado *de luta*, enfrentando poderosos e valentes. Aqui, o ’poderoso’ é a mosquito Aedes, e os ’valentes’ a cordelista (“eu”) e o público (“minha gente”). O ’eu’ conhece o inimigo, as suas maneiras de atacar e as armas para combatê-lo; se ’a gente’ usar essas armas, o mosquito será vencido. A literatura de cordel dita *de acontecimentos* processa as notícias com respeito aos factores decisivos, e o mesmo deve passar quando se trata de informar sobre a virose da zika. O processo pode ser ilustrado num esquema inspirado pelos modelos das pesquisadoras enfermeiras (Oliveira & al. 2011: 769 & 2013: 665):

INFORMAÇÃO	A ZIKA E OUTRAS VIROSES DO AEDES	ESSE MOSQUITIM É A PESTE
Problema	Essa zika tá demais (…) Tá virando epidemia De dimensões nacionais	E agora há um leriado Da Chikungunya maldita E zika pra todo lado.
Síntomas da virose da zika		- Agora o vírus da zika Febre alta num dá não Mas pode dar diarreia Caganeira, pro povão Febre, pintinha no corpo Dores na articulação.
Consequências da doença	Tá matando os idosos E os nenenzinho jovens demais - mulher que tá gestante o bebê que carrega Pode ter a cabeça menor Essa microcefalia	
O mosquito Aedes	Esse mosquitinho Aedes É pequeno no tamanho Mas é avassalador Preto e branco, todo estranho --- (…) um inseto Menor do que minha unha	O macho não produz ovos Por isso a fêmea é quem pica --- Para se reproduzir É preciso um ambiente Com água limpa acumulada (…) um clima bem quente.
Precauções	Lá em casa uso raquete Pra tentar exterminar Tem tela em toda janela Pro mosquito não entrar E a gente usa repelente --- A gente tenta evitar Qualquer água acumulada Não tem pneu, nem garrafa A caixa d'água é fechada E a cisterna lá de fora Sempre está bem tapada	Caixas d'água bem tapadas Lixo, garrafa também Não deixar água parada Assim o mosquito não vem Telas em portas, janelas Vão prevenir muito bem

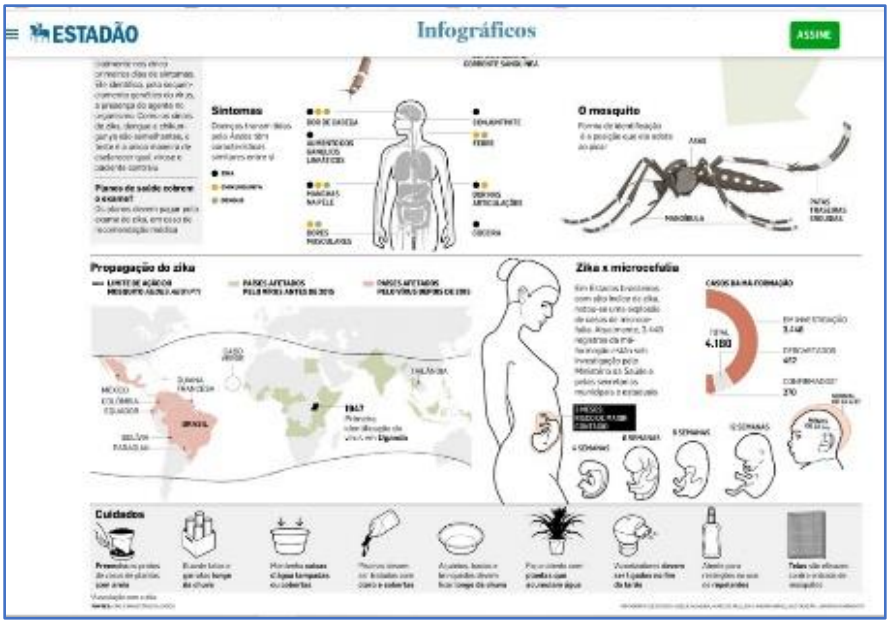
Há grandes semelhanças em como ZVA e MP apresentam o conteúdo sanitário, mas também diferenças, devidas a que o tema principal de ZVA é a doença, a virose; por seu lado

MP se centra no mosquito, e fala também das outras doenças que o Aedes transmite. Os dois cordéis estão criados num intervalo de pouco mais de dois meses, e eles complementam-se. Como sinal da sua utilidade se pode mencionar que outros educadores em todo o país os utilizaram, tanto por via do blogue de Anne Karolynne, como por YouTube, onde também outras pessoas publicaram as suas versões dos cordéis dela sobre o mosquito Aedes.

Função educativa

Anne Karolynne é enfermeira e no Facebook publica sob o serviço público de Pernambuco ”Espaço Ampliando Saberes”. Ela sobe os seus vidéo-cordéis no YouTube e comenta que: “os desenhos e o cordel podem ser usados nas escolas nas campanhas de combate ao mosquito Aedes.” (Negreiros 2016). Quer dizer que o que faz deve servir como informação sobre saúde, não (só) para entretenimento. Por isso é pertinente perguntar em que medida os cordéis “Esse mosquitim é a peste” e “A Zika e outras viroses do Aedes”, cumprem com os requisitos para informar sobre o vírus e a sua prevenção.

Cada ano, no começo do verão tropical se realizam no Nordeste do Brasil grandes campanhas de prevenção das doenças transmitidas pelo mosquito Aedes (Revista News). No ano 2015 foi constatado que a virose da zika ameaçava com virar epidemia e foram intensivadas as campanhas. Para as suas palestras os profissionais podiam servir-se de material impresso como por exemplo este infográfico do jornal Estadão, baseado em dados da OMS e o Ministério Brasileiro da Saúde (Estadão 2016).

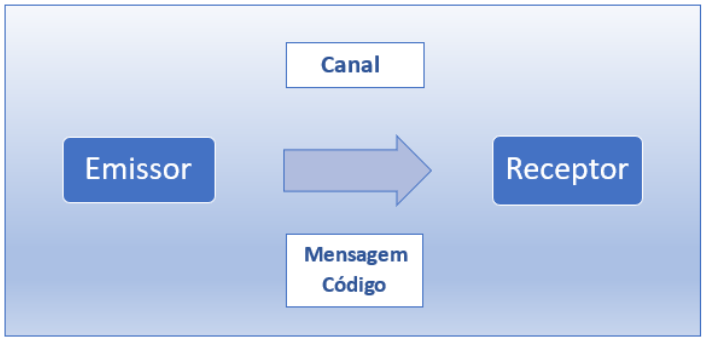


O infográfico fornece a necessária informação num formato claro e abrangente. Mas o seu excesso de informação pode resultar fora do alcance para muitas pessoas, que não dispõem dos conhecimentos necessários para interpretá-lo. Como temos visto, a enfermeira Anne Karolynne que conhece de perto a população concretamente ameaçada pelo vírus, selecciona a informação essencial, com ênfase no portador e as medidas de precaução. Ela escolha para a sua representação um formato, a linguagem do cordel, que ela domina e que sabe que compartilha com a audiência. Na versão vídeo, acessível no canal YouTube da Anne Karolynne 'Cordel Personalizado', as suas declamações estão acompanhados por imagens. No caso de "A Zika e outras viroses do Aedes" muitas imagens foram criadas na tradição das xilogravuras, aqui não só para uma capa, senão quase como um quadrinho.

O formato do cordel tem vantagens importantes: já na primeira estrofe sabemos do que se trata; os versos e rimas promovam a memorização, a linguagem popular, informal e humorístico descontrai a situação e facilita a receptibilidade para a mensagem. Os cordéis podem perfeitamente combinar-se com panfletos e informação científica detalhado como o infográfico de Estadão, más são superiores para lembrar o essencial: o que cada um tem de fazer na prática, e sobretudo porque como diz Márcia Abreu: "A superioridade dos folhetos deve-se também ao fato de eles apresentarem as notícias interpretadas segundo os valores compartilhados pelo público." (Abreu 2004: 214). Vimos como a Anne Karolynne já na primeira estrofe envolve aos ouvintes e se assegura de compartilhar com eles o seu repúdio perante o Aedes e seus impactos, e na última estrofe confirma o "pacto", segundo a tradição cordelista. No seguinte vai se estudar de perto como a cordelista comunica os cordéis para o público-alvo.

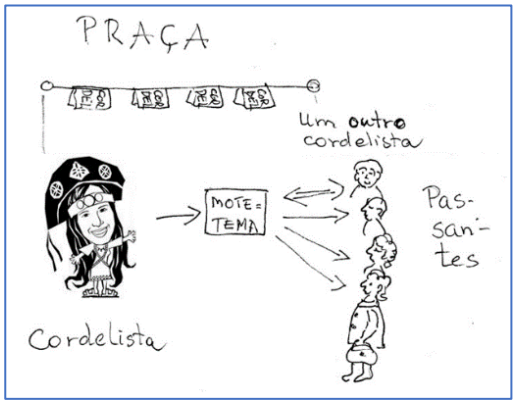
Impacto dos espaços

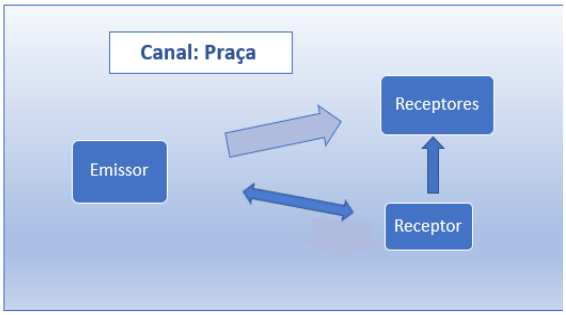
Um modelo de comunicação geral (Diana 2018) foi visualizado pela autora desta monografia na seguinte maneira:



No caso presente é pertinente matizar este esquema. Os padrões de comunicação do cordel tradicional por um lado e do cibercordel pelo outro podem se esquematizar a base das perguntas : **Onde** é que **quem** fala por **que canal,** em **que código** sobre **que** para **quem** e com **que autoridade**?

No caso do cordel tradicional, a resposta é: Com a sua voz, corpo e imagem o cordelista fala na linguagem do cordel sobre o mote com os passeantes na praça. Depois, o público pode trazer consigo os versos em um folheto cuja capa sintetiza a história, para ler ou aprender a ler com ele. A situação pode-se ilustrar nesta maneira[4]:

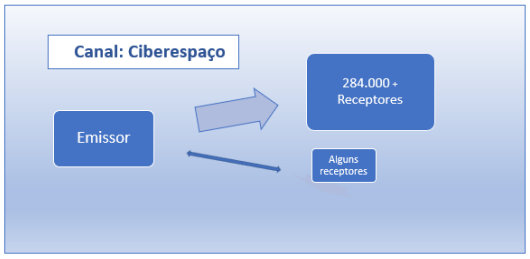




A praça é um lugar físico, a presença dos ouvintes é simultânea com a enunciação do cordel. O cordelista pode adaptar a sua actuação para os ouvintes do momento, e eles podem reagir dialogando, às vezes pedindo ao cordelista fazer um outro verso. Se há um outro cordelista entre eles possivelmente desafia ao colega para rimar sobre este tema ou um outro mote. Há lugar para interacção oral e imediata, e para improvisação. O bom cordelista tradicional domina a linguagem corporal e a comunicação espontânea, ademais de saber fazer versos.

No caso da presença da cordelista Anne Karolynne na Internet o padrão é assim: com palavras escritas, declamadas e combinadas com imagens em vídeos, sobre questões de saúde a cordelista comunica com os internautas na blogosfera. A sua credibilidade garante-se pela sua profissionalidade, e o seu engajamento emana da sua linguagem e declamação.

[4] Visualização na illustração e adaptação do modelo pela autora da monografia.



Gaudêncio e Albuquerque dizem que "os ciberespaços que melhor acolhem os cibercordéis são os blogs; ambientes adaptáveis, personalizados, de fácil acesso, utilização e comunicação" (Gaudêncio & al. 2017: 135) e eles opinam que: "apesar dos cibercordéis serem produzidos na internet, todas as características básicas do cordel impresso são preservadas (técnica, concepção, poética, temática, etc.)." (ibid.: 136).

Ademais, a blogosfera é um 'lugar' virtual, e não há assistência simultânea do emissor e receptor. A quantidade de visitas ao blogue dos versos é impressionante, mas os assistentes não se vêem mutuamente. A possibilidade de interacção existe em forma de comentários, mas são escassos, e como entre os 66 comentários para "A Zika e outros ..." no YouTube figura este: "Anne, eu trabalho em um Banco Público e ficamos interessados em falar com você, sobre o seu trabalho. Você tem Facebook?" – é compreensível que a Anne Karolynne tenha complementado o seu blogue com presença no Facebook, no espaço 'Ampliando saberes', um serviço público e governamental do Estado de Pernambuco. No Facebook Anne Karolynne recebe mais reacções que no seu blogue "Cordelando", mas como este é o seu território pessoal, segue publicando cordéis lá.

Para o antropólogo Marco Antonio Gonçalves 'versificar' quer dizer 'dar a ver': os versos do cordel criam imagens na mente dos ouvintes. Ele cita James Weiner para afirmar que "a dimensão afectiva e cognitiva da imagem e do tropos são realmente inseparáveis e o discurso é sempre manipulativo, o que constrói, por sua vez, a poética e o estilo discursivo enquanto algo "encorporado" (embodied) na própria natureza material da fala e da comunicação" (Weiner 1991 apud Gonçalves 2009: 222). A cordelista Anne Karolynne é um bom exemplo deste discurso "encorporado"; os vídeos de declamações suas mostram que ela pratica a arte com maestria, e sem dúvida tem um impacto imediato nos ouvintes presentes, o que faz que a mensagem do cordel entra pelo coração e simultaneamente opera sobre a cognição. Não todo isto pode ser

transmitido ao passar da presença real para o ciberespaço. Lá, a 'manipulação' da que fala Gonçalves é exercida por artefactos como reportagens de actuações ou vídeocordéis, mais a possibilidade de interagir por Facebook e blogue. Não conhecemos ferramentas para medir e comparar os impactos respectivos, mas a probabilidade aponta para que seja menos o dos canais virtuais que o da presença real.

Discussão

As análises demonstraram a força do género do cordel e explicaram a sua resistência às mudanças, também para o ciberespaço. O cordel é uma arte que largamente influi através do seu carácter oral. A cordelista demonstra na sua declamação o seu engajamento na causa. A credibilidade da mensagem deve-se a que os receptores confiam no próprio género; têm a expectativa de que a cordelista falará numa linguagem compreensível e que eles aprenderão o que eles têm de fazer ou evitar; também podem acreditar na veracidade da informação comunicada, porque Anne Karolynne é enfermeira, e como mostrou a análise, o conteúdo é correcto e fica bem apresentado. Aqui reside a força da Anne Karolynne como atriz no ciberespaço. Nestes anos a sociedade brasileira experimenta profundas desilusões, e na Internet se transmite um dilúvio de histórias mais ou menos verossímeis sobre corrupção e traição, "*leriados*" como diriam no Nordeste. Como é inevitável que a virtualização enfraqueça o impacto da actuação oral, o género do cordel corre o risco de ser abusado por pessoas mal-intencionadas, e assim perder a sua credibilidade. Mas a estratégia de credibilidade da cordelista sincera é apoiada pelo seu engajamento, e naturalmente os cordéis educativos têm muitos seguidores; eles não duvidam da credibilidade de um género que sempre transmitiu saber fiável; eles apreciam a facilidade para compreender a mensagem clara e fiável dos cordéis, a aparência reconhecível, a memorabilidade deles, para não mencionar o encanto estético que eles possuem.

Perspectivas

O ciberespaço é um fórum multifacetado com manifestações de todo tipo, e é natural perguntar como se perfila o género do cordel neste panorama.

Quando a epidemia da zika emergiu, se ouvia por todos lados o 'hit' da Banda Vingadora "Paredão metralhadora", que ficaria a música do Carnaval de 2016; o seu videoclipe

mostra um campo de batalha, onde a vocalista com suas aliadas duela com o violista e os músicos num duelo de sons (Wikipedia 2018). A música do hit, sobretudo o refrão: 'trá, trá, trá', inspiraram à Anne Karolynne para a canção "Virose assustadora - paródia da metralhadora"[5]. Aqui, o registo sobe e o ritmo é elevado comparado com a declamação dos cordéis, o refrão imita o som de uma metralhadora, e se fala em termos bélicos: "e bora prevenir tirar o Aedes do comando". O estilo é diferente do dos cordéis, mas há semelhanças importantes na utilização de um género popular para um objectivo educativo de prevenção: a enunciante se apresenta: "eu vou (fazer isto e aquilo)", se implicam os ouvintes: "O Aedes quer te picar", "será que vamos nos salvar?" e se designa claramente o inimigo: "Mosquito infectado" etc., e ela dirige-se para ele: "Ô mosquitim danado, Quero te eliminar!", "Ô Aedes vai-t pra lá, trá, trá, oww". Declara que vai se proteger e menciona de que formas: "O repelente eu vou passar", "A caixa d'água eu vou fechar", mas o repertório de precauções é consideravelmente menos elaborado que nos cordéis.

Foi feito um videoclipe de "Virose assustadora", onde Anne Karolynne canta com a versão instrumental do hit da Banda Vingadora, e Helena Brígido ilustrou com uma série de imagens que realçam o conteúdo. Como sinal do seu instantâneo sucesso pode se mencionar que uma professora de biologia carregou um hiperligação para o videoclipe já no dia 6 de Março de 2016, um mês depois da sua publicação no YouTube. Mas dá que pensar que no dia 29 de Novembro de 2018 o videoclipe da "Virose assustadora - paródia da metralhadora" tem 'só' 5.662 visualizações, ao passo que o vídeocordel "A Zika e outras viroses do Aedes" foi visto 25.019 vezes; "Esse mosquitinho é a peste" só foi visualizado 899 vezes, mas foi carregado por três outros YouTubers nos seus canais! Pode indicar que o género do cordel tem mais durabilidade que um 'hit' temporário e passageiro.

Conclusão

No presente trabalho se analisaram dois cordéis de prevenção contra viroses transmitidas pelo mosquito Aedes. O estudo foi guiado pelo princípio da credibilidade e do engajamento do enunciante como decisivo para o impacto do discurso e a comunicação e foi demonstrado que os cordéis estudados exemplificam o conceito de Folkcomunicação, porque são manifestações populares que realizam uma mediação entre o mundo dos expertos e o da

[5] As letras da música podem ser verificadas no Anexo 3.

povoação com baixa escolaridade. Constatamos que no Nordeste do Brasil durante mais de cem anos o género do cordel foi criando confiança entre os ouvintes graças ao engajamento do cordelista, à sua capacidade de sintetizar um conteúdo para comunicá-lo para crianças e cidadãos dos segmentos populares, além do encanto pessoal da sua declamação e da arte das xilogravuras, elementos facilmente reconhecíveis. A confiança ganha por gerações de cordelistas tem sido posta à prova devido a mudanças sociais e educativas, e com a emergência de novos médias de comunicação de massas se há emitido dúvidas pela viabilidade do cordel. Mas o caso estudado de dois recentes cordéis que visam à educação sanitária, mostra que o cordel é um formato altamente viável; o seu próprio carácter oral presta-se à publicação no ciberespaço, que por além disso oferece novas possibilidades de interacção. Em tempos de instabilidade social e um discurso mediático minado por “fake news” o “velho e bom” cordel prova a sua força como uma fonte de saber e saber-fazer na que as pessoas têm confiança, ao mesmo tempo que lhes agrada, com a sua linguagem próxima e as imagens apelativas.

Dansk Resumé

I det nordøstlige Brasilien er mange generationer blevet oplyst og underholdt gennem "*cordéis*", en folkelig litteratur, der ligesom det 18. århundredes danske skillingsviser blev trykt i små blade og falbudt i det offentlige rum. På forsiden af disse *cordéis* fortæller træsnit om indholdet. *Cordel* er i vore dage en anerkendt kunstart, hvis faste metrik og rim gør indholdet let at memorere, og sproget er folkeligt og lettilgængeligt. *Cordel* anvendes i sundhedssystemets kampagner og har gjort springet fra deklamation på torvet til sociale medier på Internet. Med fokus på den pædagogiske funktion rejser det foreliggende projekt spørgsmålet, hvorvidt denne traditionelle kunstart i det lange løb kan gøre sig gældende i *cyberspace*. To *cibercordéis* om forebyggelse af zika-influenza undersøges med hensyn til litterære og sproglige elementer, kommunikationssituation, faktisk information og pædagogisk formidling. I analysen indgår Candace Slaters karakteristik af cordel-litteraturen, Luiz Beltrãos begreb "*Folkcomunicação*", Patrick Charaudauds teorier om troværdighed og diskurs-strategi, samt en sundhedsfaglig analysemodel. En pop-sang om Zika af samme *cordelista* perspektiverer projektets hypotese: at cordel er en robust kunstform, som har holdt stand over for massemediernes udvikling igennem det 20. århundrede, og stadig kan appellere til såvel udøvere som publikum i cyberspace.

En sygeplejerske som er
en ganske særlig kvinde,
kan sige ord på klare vers
som ej går let af minde.
Oplyse os på kryds og tværs
vil Anne Karolynne.

Illustrationer fra sygeplejerske og cordelista Anne Karolynne Negreiros blog ”Cordelando”.

Bibliografia

Abreu, Márcia. 2004. “Então se forma a história bonita” – relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre. 10, (22): 199-218.

Amorim, Maria Alice. 2009. Existe um novo cordel? Imaginário, tradição e cibercultura. *Revista Cibertextualides. 3.* CECLICO - Centro de Estudos Culturais, da Linguagem e do Comportamento. Universidade Fernando Pessoa. https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1358/1/cibertxt_3_p59-71_amorim.pdf Acesso em 17.11.2018.

Amphilo, Maria. 2003. O Auto da Compadecida: Da cultura popular à cultura de massa. *Idade Mídia*. 3. UniFIAM-FAAM.

Anaspadari. 2016. A Zika e outros viroses do Aedes. [Video online] https://www.youtube.com/watch?v=EvtXkogQZfk Acesso em 06.12.2018.

Benjamin, Roberto. 2008. Folkcomunicação. Da proposta de Luiz Beltrão à Contemporaneidade. *Revista da Associação LatinoAmericana de Investigadores em Comunicação* (*ALAIC*) Ano V (8-9): 280-288.

Charaudeau, Patrick & Maingueneau, Dominique. 2002. *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Seuil.

Denkova, Zheni & Kvorning, Eva. 2016. Paradigm Shift in the Abortion Debate in Brazil. http://casaeva.dk/CV/ParadigmShiftAbortionDebateBrazil-2016.pdf Acesso em 06.12.2018.

Diana, Daniela. 2018. Elementos da Comunicação. *Todamateria.* https://www.todamateria.com.br/elementos-da-comunicacao/ Acesso em 12.11.2018.

Dornelles, Beatriz & Biffignandi, Fernando. 2014. A utilização de princípios da Folkcomunicação e da Educomunicação na busca do diálogo compreensível com comunidades de baixa-renda. *Comunicologia. Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília.* V.7 (1): 247-262.

Estadão. 2016. 'Aedes' traz agora nova ameaça, o zika vírus. 30.01.2016. https://www.estadao.com.br/infograficos/cidades,aedes-traz-agora-nova-ameaca-o-zika-virus,539439 Acesso em 28.11.2018.

Gaudêncio, M. & De Albuquerque, M. 2017. Representação semântico-discursiva de cibercordéis. *Em Questão*. 23(1): 129-153.

Góis Diniz, Madson. 2007. Do folheto de cordel para o cordel virtual: interfaces hipertextuais da cultura popular**.** *Hipertextus Revista Digital.* http://www.hipertextus.net/volume1/artigo11-madson-gois.pdf . Acesso em 15.11.2018.

Gonçalves, Marco Antonio. 2011. Imagem - Palavra: A produção do Cordel contemporâneo. *Sociologia & Antropologia*. 1(2): 219-234.

Inácio, Roberto. O que é o benzimento. *Somos Todos Um.* https://www.somostodosum.com.br/artigos/espiritualidade/o-que-e-o-benzimento-14039.html . Acesso em 02.12.2018.

Jaimito. 2010. Coplas del cordel o coplas de ciego. http://www.jaimito.es/romances/coplasciegos.htm . Acesso em 03.12.2018.

Kvorning, Eva. 2017. Skillingsviser. Casaeva. 12.03.2017. http://blog.casaeva.dk/#post74 . Acesso em 03.12.2018.

Lima Freitas Santos, Laiane & Barbosa Souza, Tiago. 2018. A midiatização da literatura de cordel no ciberespaço. *Revista Alpha.* 19 (1): 122-138.

Negreiros, Anne Karolynne. 2015. A Zika e outras viroses do Aedes (editor: Carlos Júnior) [Video online]. 04.12.2015 https://www.youtube.com/watch?v=h_-ky5PKZ-Y . Acesso em 14.11.2018.

Negreiros, Anne Karolynne. 2016. Esse mosquitinho é a peste. [Video online]. 07.02.2016. https://www.youtube.com/watch?v=HwuQtFSJVLw . Acesso em 14.11.2018.

Negreiros, Anne Karolynne. 2016. Metralhadora do Aedes (Paródia da banda Vingadora). [Video online]. 26.02.2016. https://www.youtube.com/watch?v=6owMSPuslUw . Acesso em 14.11.2018.

Negreiros, Anne Karolynne.2018. Histórias de vida em poesia. 16.08.2018. https://www.facebook.com/cordelpersonalizado/?eid=ARB_xE2wunpIwFzPDQHjXsA6v2ScR7HBDn6c9PRCLGLEllVy6T2BfmmA3M9CSrCo0223kiLRFLkn4Qjv . Acesso em 10.11.2018

Negreiros, Anne Karolynne. *Cordelando.* http://cordelando389.blogspot.com.br/ . Acesso em 14.11.2018.

Pagliuca, L.; Oliveira, P.; Rebouças, C. & Galvão, M. 2007. Literatura de cordel: Veículo de comunicação e educação em saúde. *Texto & Contexto – Enfermagem*. 16(4): 662-670.

Pinheiro de Oliveira, P.; de Souza Pacheco Paiva, J.; Gomes Cezario, K. & Freitag Pagliuca, L. 2011. Literatura de cordel como estratégia educativa para prevenção da dengue. *Texto & Contexto Enfermagem*. 20(4): 766-773.

Pinheiro de Oliveira, P. & Freitag Pagliuca, L.. 2013. Avaliação de tecnologia educativa na modalidade literatura de cordel sobre amamentação. *Revista Da Escola De Enfermagem Da USP*. 47(1): 205-212.

Revista News. 2018. Ministério da Saúde lança campanha de combate ao Aedes aegypti. 14.11.2018. https://revistanews.com.br/2018/11/14/ministerio-da-saude-lanca-campanha-de-combate-ao-aedes-aegypti/ Acesso em 28.11.2018.

Slater, Candace. 1989 [1982]. *Stories on a string, the Brazilian literature de cordel*. Berkeley: University of California Press.

TheSfmi. 2016. Vamos combater o Aedes Aegypti. [Video online]. https://www.youtube.com/watch?v=LVbgE4yMkRY. Acesso em 06.12.2018.

Tokarnia, Mariana. 2018. Literatura de Cordel é reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil. *Agência Brasil*. 19.09.2018. http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-09/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-brasil . Acesso em 18-11-2018.

UFCG (Universidade Federal de Campina Grande). 2008. Pólo tecnológico coloca a Paraíba no mapa da inovação. 19.12.2008. http://www.ufcg.edu.br/prt_ufcg/assessoria_imprensa/mostra_noticia.php?codigo=8190 Acesso em 13.12.2018.

Viana, Arievaldo. 2010. *300 onças : adaptação em cordel da obra de Simões Lopes Neto*. Porto Alegre : Corag.

Wikipedia. 2018. Banda Vingadora. https://pt.wikipedia.org/wiki/Banda_Vingadora . Acesso em 29.11.2018.

Anexo 1 A zika e outras viroses do Aedes

I. Minha gente, o que é que é isso?
Essa zika tá demais
Tá matando os idosos
E os nenenzinho jovens demais
Tá virando epidemia
De dimensões nacionais.

II. Eu fico arrepiada
Ao ver o noticiário
É muita gente doente
A cada dia do calendário
Os jornais só dizem isso
Não tão dizendo o contrário.

III. Tem mulher que tá gestante
E o perigo é maior
Pq o bebê que carrega
Pode ter a cabeça menor
Essa microcefalia
Não podia ser pior.

IV. Esse mosquitinho Aedes
É pequeno no tamanho
Mas é avassalador
Preto e branco, todo estranho
Tá lascando todo mundo
Se eu vejo um, me acanho.

V. Lá em casa uso raquete
Pra tentar exterminar
Tem tela em toda janela
Pro mosquito não entrar
E a gente usa repelente
Ô, peste, vai-te pra lá.

VI. A gente tenta evitar
Qualquer água acumulada
Não tem pneu, nem garrafa
A caixa d'água é fechada
E a cisterna lá de fora
Sempre está bem tapada.

VII. Deus o live ter a zika
Eu vô até me benzê
Chikungunya muito menos
Essa que não quero ter
A dengue é pra passar longe
dela nem quero saber.

VIII. Como pode um inseto
Menor do que minha unha
Transmitir febre amarela
Dengue, zika, Chikungunya?
O mosquitinho é a peste
Só pode ser sua alcunha.

IX. Transmitir informação
é a forma mais segura
para ajudar na prevenção
com cordel e com cultura
muito cuidado a minha gente
para não levar a picadura

X. Bora acabar com o Aedes
O mosquito não tem vez
Chega de tanta doença
Dia a dia, mês a mês
Eu já tô me prevenindo

E aí, como estão vocês?

Carregado no blogue em 03.12.2015

Anexo 2 Esse mosquitim é a peste

I. - Eita mosquitinho nojento
É esse Aedes danado
Já transmitia a dengue
E agora há um leriado
Da Chikungunya maldita
E zika pra todo lado.

II. - O macho não produz ovos
Por isso a fêmea é quem pica
O sangue alimenta os ovos
É assim que ela pratica
Transmitindo a Chikungunya
A dengue e também a zika.

III. - Para se reproduzir
É preciso um ambiente
Com água limpa acumulada
Em algum recipiente
E temperatura alta
Ou seja, um clima bem quente

IV. - Se transmitir a doença
Através de uma picada
Pode provocar a dengue
Que é a mais divulgada
Mas a zika e a Chikungunya
Também estão na parada.

V. .- A dengue dá febre alta
Por até uma semana
Manchas na pele, coceira
Dói tudo, até a pestana.
Pode causar sangramento
Se agravar, hein, bacana?

VI. - Mas se for a Chikungunya
A junta é o que dói mais
Tem febre, dor de cabeça
Mancha na pele demais
E os sintomas que eu citei
Esses são os principais.

VII. - Agora o vírus da zika
Febre alta num dá não
Mas pode dar diarreia
Caganeira, pro povão
Febre, pintinha no corpo
Dores na articulação.

VIII. - Pra evitar essas pestes
É preciso prevenir
Impedir que o mosquito
Possa se reproduzir
Não deixando que a água
Se acumule por aí.

IX. - Caixas d'água bem tapadas
Lixo, garrafa também
Não deixar água parada
Assim o mosquito não vem
Telas em portas, janelas
Vão prevenir muito bem

X. - Bora acabar com o Aedes
O mosquito não tem vez
Chega de tanta doença
Dia-a-dia, mês-a-mês
Eu já tô me prevenindo
E aí, como estão vocês?

Autora: Anne Karolynne, cordelista e enfermeira
Edição do vídeo: Helena Brígido

Anexo 3 Virose assustadora. Paródia da metralhadora

Paródia educativa visando à prevenção do mosquito Aedes Aegypt

Mosquito infectado
Gente adoecendo
Zika pra todo lado
Dengue e chika aparecendo

Virose assustadora

Trá, trá, trá, trá, trá
O Aedes quer te picar Trá, trá, trá

Trá, trá, trá, trá, trá
O repelente eu vou passar Trá, trá,

É o Aedes aê
Trá-trá, trá-trá, trá, trá, trá, trá
A caixa d'água eu vou fechar Trá, trá, trá,

Trá-trá, trá-trá, trá, trá, trá
será que vamos nos salvar? Trá, trá, trá
oww
e bora prevenir
tirar o Aedes do comando
oww
Mosquito infectado
Gente adoecendo
Zika pra todo lado
Dengue e chika aparecendo

O povo sequelado
Querendo se curar
Ô mosquitim danado
Quero te eliminar!

Virose assustadora

Trá, trá, trá, trá, trá
O Aedes quer te picar Trá, trá, trá

Trá, trá, trá, trá, trá
O repelente vou passar Trá, trá, trá

Trá-trá, trá-trá, trá-trá, trá-trá
vai todo mundo se tratar, trá
É o Aedes

Trá-trá, trá-trá, trá-trá, trá-trá
minha caixa d'água vou fechar Trá,

E bora prevenir

Trá-trá, trá-trá, trá-trá, trá-trá
Ô Aedes vai-t pra lá Trá, trá oww

Eu quero me proteger

Virose assustadora

Paródia da música "Metralhadora", da banda Vingadora.
Autora: Anne Karolynne, cordelista e enfermeira

Editora: H. Brígido.

Anexo 4 Correspondência

Correspondência por MSN Facebook entre Eva Kvorning e Anne Karolynne Negreiros.

19.11.2018 Pergunta: *Escrevo para dizer-lhe que admiro sua actividade artística e pedagógica; é ao mesmo tempo agradável e interessante estudar o seu blog e canal no youtube.*
Eu escolhi focar dois cordéis seus para uma monografia dentro dos meus estudos portugueses e brasileiros na Universidade de Copenhaga, Dinamarca. Espero que você tenha tempo para responder a uma pergunta sobre o vídeo de "A zika e outras viroses". É você quem fez as imagens, e são xilogravuras ou desenhos com lápis? Um cordial saludo de Dinamarca.

01.12.2018 Resposta:

Que alegria saber que escolheu minha poesia pra estudar

Gostaria de ter acesso ao seu estudo qdo o fizer ☺

As imagens eu peguei já prontas de sites da internet

Imagens vetorizadas ou ilustrações fornecidas na rede

02.12.2018 Agradecimento*: Obrigadíssima, Anne Karolynne. Seguro que vou mandar-lhe a monografia - devo entregá-la em três semanas. Até logo, e bom Dezembro*

02.12.2018 Pergunta.: *Bom dia, - adjunto o que já escrevi sobre você e os 2 cordéis em questão. Se você ter tempo, agradeceria comprovar se está você conforme com a info.*

06.12.2018 Pergunta: *Cara Anne Karolynne. Vejo que o editor de "A zika e outras viroses..." se chama Carlos Júnior. Ele é também enfermeiro? Beijinhos de Copenhaga*

06.12.2018 Resposta: Oi!! Ele é meu irmão, é estudante de farmácia atualmente. Na época, cursava o ensino médio. Trabalha comigo na edição de vídeos. Atualmente ele faz as ilustrações autorais, ele produz as imagens através de uma mesa digitalizadora

06.12.2018 Agradecimento: *Fabuloso, obrigada, e saudações cordiais para o Carlos*